

Monika Feth - Antoni Boratyński

O Catador de Pensamentos



MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

FNDE

PNBE
2005



BRINQUE-BOOK

Todas as manhãs, exatamente às seis e meia, o Sr. Rabuja passa pela casa onde eu moro. Ele anda arrastando os pés e de longe já ouço o barulho de seus passos na calçada. Na verdade, a essa hora meu bairro é muito sossegado. Antes das oito quase não há movimento. De vez em quando um gato atravessa a rua correndo e desaparece sem fazer barulho no jardimzinho tranqüilo de alguma casa. Outras vezes o vento traz até mim o ruído distante da auto-estrada. Fora isso, não acontece mais nada.

O sono ainda cobre os telhados como um cobertor quentinho. Corro para abrir a janela, debruço-me sobre o peitoril e dou uma olhada na calçada lá embaixo.

E lá vem ele, às vezes passando o primeiro poste, às vezes o segundo, se aproximando devagar, de corpo encurvado.



Quando ele passa debaixo da minha janela, levanta a cabeça, pigarreja e me diz com voz suave:

— Bom dia!

— Bom dia, Sr. Rabuja! — respondo em voz baixa.

Em geral nossa conversa continua assim:

— Que dia lindo, não é mesmo?

Ou então:

— Já trabalhando a esta hora da manhã?

Em seguida ele se despede inclinando a cabeça, sorridente, e vai embora com seu passo arrastado. Continuo olhando até vê-lo virar a esquina. Isso acontece toda santa manhã, no inverno e no verão. O Sr. Rabuja nunca falha. Nunca atrasa. Posso até acertar meu relógio, de tão pontual que ele é.

O único casaco que possuí, gasto e surrado, balança quando ele anda e vai até os joelhos. Um velho boné desbotado, bem puxado sobre o rosto, deixa seus olhos na sombra. Nas costas ele leva uma mochila amarrotada, presa com uma tira de couro muito gasta. Movimenta-se como alguém que não sabe o que é pressa.



- É um homem velho e as pessoas velhas muitas vezes parecem ter os bolsos cheios de tempo. Cuidadosamente guardam cada minuto, cada hora e cada dia de sua existência, como outros colecionam quadros, porcelanas e móveis.
- Lá pelas duas da tarde o Sr. Rabuja passa novamente por minha casa. Às vezes um pouco antes, às vezes um pouco depois, dependendo do tempo que levou para concluir sua tarefa. O Sr. Rabuja é catador de pensamentos. Pensamentos bonitos e feios. Pensamentos alegres e tristes. Pensamentos inteligentes e bobos. Pensamentos barulhentos e silenciosos. Pensamentos compridos e curtos. No fundo, todos são importantes para ele, mesmo tendo, é claro os seus preferidos. Mas isso ele não demonstra, para não ferir os outros pensamentos, pois todo mundo sabe que pensamentos são coisas muito sensíveis. Enquanto passeia pelas ruas, becos e recantos da cidade. O Sr. Rabuja está sempre atento.



É que o Sr. Rabuja consegue ouvir pensamentos. Mesmo através das paredes grossas das casas ou a muitos quarteirões de distância.

Nem o pensamento mais pequenininho lhe escapa.

Assim que ouve algum, ele abre a mochila, assobia suavemente, e aquele pensamento logo chega voando, entra na mochila e se junta aos outros que já se encontravam lá dentro.

Alguns vêm voando suavemente, outros se aproximam tão depressa que quase derrubam o Sr. Rabuja. Uns acham logo a entrada da mochila, outros demoram um tempo. Alguns são tão inquietos e desajeitados que escorregam e caem na calçada.

Cada pensamento tem seu comportamento próprio.

Pensamentos são coisas imprevisíveis.



E o Sr. Rabuja, que nesses longos anos já viu muita coisa, às vezes pára, fica pensativo e balança a cabeça. Acho que se pergunta, admirado, pela centésima vez, como os pensamentos podem ser tão diferentes uns dos outros.

Depois de recolher todos os pensamentos que encontrou pela cidade, ele amarra cuidadosamente a mochila e volta para casa, com o corpo ainda mais encurvado, por causa do peso dos pensamentos.

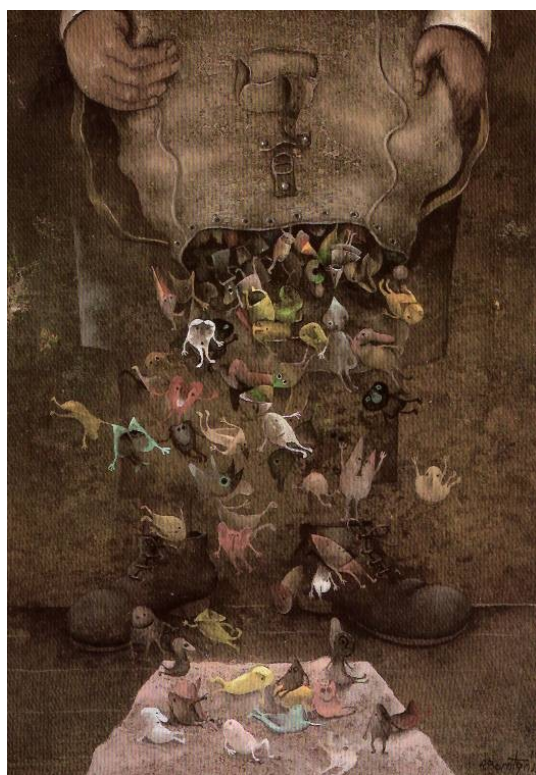
Dizem que pensamentos são mais leves que plumas ou flocos de neve, mas nem todos. Alguns pesam mais de um quilo.

Ao passar por minha janela, ele me pisca um olho. Respondo com um aceno e volto ao trabalho que havia interrompido.



O Sr. Rabuja mora na saída da cidade, numa casinha rodeada de hortas e jardins. A casinha tem dois cômodos e um banheiro no quintal. O primeiro cômodo funciona como cozinha, sala e quarto de dormir; o segundo, como local de trabalho. O Sr. Rabuja não precisa de mais do que isso. Ele não precisa de muito espaço.

Como as caminhadas o deixam com fome e cansado, primeiro ele come alguma coisa, depois descansa um pouco. Mais tarde pega a mochila e vai para o seu quarto de trabalho. Lá, estende um pano grande e macio, abre a mochila e despeja os pensamentos.





Pondo de lado a mochila vazia, ele se agacha, desembaraça e separa os pensamentos emaranhados e os guarda, em ordem alfabética, em grandes prateleiras.

Na prateleira da letra A, por exemplo, encontramos os pensamentos acanhados, aflitivos, agressivos, amalucados, amáveis, arrojados...



Na prateleira da letra B encontramos os pensamentos belos, blasfemos, bobos, bonachões, bondosos, brilhantes, burlescos... Na prateleira do C temos os pensamentos caóticos, corajosos, criteriosos, curiosos...

A arrumação exige toda a atenção do Sr. Rabuja, pois os pensamentos são quase transparentes e muito fáceis de serem confundidos. Às vezes acontece de um ou outro pensamento se esconder em algum canto, só para chatear o Sr. Rabuja.

Então, ele procura aquele pensamento de joelhos por todo o quarto, por todos os cantos escuros. Mas isso não é muito freqüente e só acontece com os pensamentos atrevidos, com os animados, com os marotos e com os vulgares. E como o Sr. Rabuja é um homem pacífico, basta ele ter um pensamento especialmente bonito nas mãos para se esquecer de tudo o mais. Depois de terminar a classificação, ele deixa os pensamentos descansando um pouco nas prateleiras, para ficarem bem suculentos, como frutas maduras. Isso leva mais ou menos duas horas.

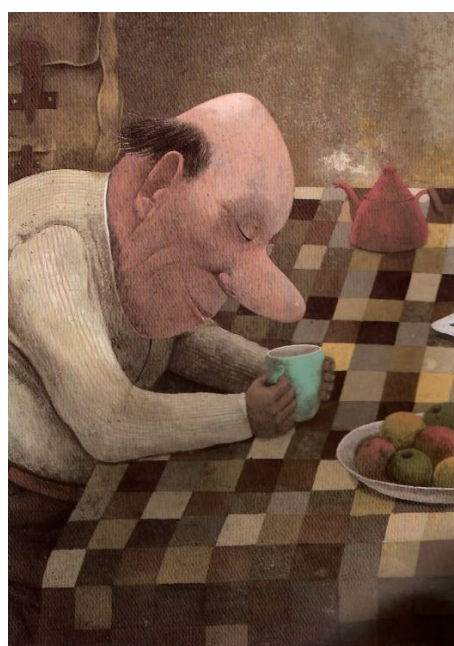
Aí ele começa a retirá-los, um a um, e a depositá-los com muito cuidado num grande cesto de vime; depois leva todos para fora.



Em volta da casa há muitos canteiros, grandes, limpos e prontos para serem utilizados. O Sr. Rabuja vai tirando os pensamentos do cesto, um a um, e os planta nos canteiros. No inverno ele os planta numa estufa que há no fundo do jardim. Só depois de limpar o último grãozinho de terra das mãos, o Sr. Rabuja considera terminada a sua tarefa do dia. Depois disso, entra em casa, se ajeita em sua poltrona, põe as pernas para cima, toma uma ou duas xícaras de chá lendo o jornal e em seguida se deita para dormir.

Na manhã seguinte o despertador toca muito cedo.

O Sr. Rabuja põe seu roupão e corre para a janela.

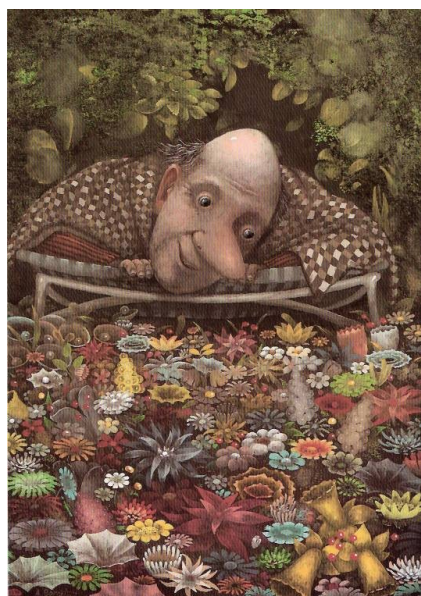


Lá fora, nos canteiros úmidos de orvalho, brilham no amanhecer avermelhado as flores mais magníficas e raras que se pode imaginar. São azul-pálidas, vermelhas, cor de tijolo, douradas, amarelas, cor de casca de ovo; algumas listradas, outras pintadinhas; algumas têm pétalas delicadas e finas; outras, botões fortes e carnudos; alguns caules são lisos e frágeis; outros, ásperos e fortes, como troncos de árvores jovens. Todas juntas, elas encham o ar de um perfume suave e maravilhoso.

O Sr. Rabuja não perde tempo: toma banho, se veste e toma seu café da manhã. Sabe que tem pouco tempo para contemplar as flores dos pensamentos. Ainda sonolento, sai da casa, coloca uma espreguiçadeira bem em frente aos canteiros, senta e se cobre com um cobertor.

Sem que ele se dê conta, a aurora se transforma na claridade do dia.

É então que a coisa acontece.



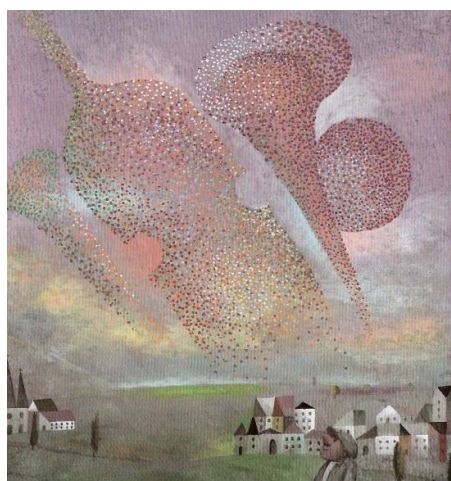
Pouco a pouco, com grande delicadeza, as flores se dissolvem. Elas se desfazem em inúmeras partículas que parecem floquinhos de poeira dançando ao sol. Ao primeiro ventinho, se dispersam, colorindo todo o céu.

Nesse momento surge uma melodia de tal suavidade que o Sr. Rabuja mal consegue ouvi-la. Ele põe a mão atrás da orelha e se inclina para a frente. Seu rosto atento vibra.

Em seguida, tudo chega ao fim. Ele tira a mesa do café da manhã, puxa o boné sobre o rosto, pendura a mochila nas costas e começa sua caminhada. Às seis e meia, dobra a esquina e se aproxima de minha casa.

Muitas vezes já lhe pedi que me deixasse acompanhá-lo em sua tarefa diária.

Nunca consegui.



Ele diz que os pensamentos são muito tímidos. Que, se descobrem algum estranho por perto, vão correndo se esconder. Por isso, antes de chamá-los, o Sr. Rabuja tem que esperar até não haver ninguém por perto. Por precaução, ele altera diariamente seu trajeto, e até construiu uma cerca alta em volta do jardim de sua casa.

Às vezes, porém, em certas noites, ele me fala de seu trabalho. Se não fosse assim, como eu saberia todas essas coisas? Ele fica sentado na minha frente, na sala de minha casa, girando a xicara de chá nas mãos enrugadas. Enquanto do lado de fora da janela tudo está muito escuro, o Sr. Rabuja cruza as pernas e começa a falar em voz baixa.

— O vento leva consigo as minúsculas partículas das flores dos pensamentos. Elas voam cada vez mais alto e pairam sobre os telhados da cidade ainda imersa no sono. Depois descem, enfiam-se em todas as janelas, em todas as frestas e fendas das casas. Pousam cuidadosamente na testa das pessoas que estão sonhando e ali se transformam em novos pensamentos. Se não existissem catadores de pensamentos, os pensamentos ficariam o tempo todo se repetindo e provavelmente um dia deixariam de existir.



O Sr. Rabuja toma mais um gole de chá, limpa a boca com a manga do casaco e olha para mim com ternura.

— Todas as cidades — continua — têm catadores de pensamentos como eu. Nas cidades grandes há até dois ou três. Só que quase ninguém sabe, porque eles trabalham o mais discretamente possível. A maioria tem nomes esquisitos. Puro disfarce. Quem iria imaginar, por exemplo, que um homem que se chama Rabuja pudesse ser catador de pensamentos?

Dizendo isso, o Sr. Rabuja sorri com ar misterioso. Eu fico muito orgulhosa de ter sido escolhida para ouvir suas confidências. E, quando tarde da noite ele sai de minha casa, com seu passo arrastado, às vezes tenho a impressão de sentir de leve o perfume das flores dos pensamentos. E assim caio no sono, tranqüila, sem pensamento nenhum.

